

não se pode deixar de encarar com pessimismo a redução da centimetragem ocupada outrora pelos anunciantes tradicionais, cujas verbas de propaganda, embora aumentadas consideravelmente, ainda assim não acompanharam as elevações de todos os custos de produção, sobretudo os que exigem importação em moedas fortes, como o papel, a tinta e inúmeros acessórios do trabalho gráfico. Os grandes órgãos da imprensa latino-americana enfrentam esta situação anormal arcando com prejuízos de vulto, que dia a dia depauperam as suas reservas. Mas a pequena imprensa, a imprensa que opera em regiões de modestos recursos publicitários, e cuja circulação está longe de cobrir o investimento diário a que está obrigada, essa pequena imprensa, muito mais do que a dos grandes centros, está condenada ao paulatino desaparecimento, pela total impossibilidade de sobrevivência econômica". Importa abrir aqui um parêntese: é falso que a circulação dos jornais não tenha caído: caiu, e muito, com a elevação do preço da venda avulsa e a desmoralização da autoridade desses jornais. Os grandes jornais eram vendidos, e só a partir de 14 de março, de 1962, a 8 e 15 cruzeiros o exemplar, nos dias úteis e nos domingos, respectivamente; em 1965, esses preços eram já de 100 e 200 cruzeiros, também respectivamente, — haverá descompasso mais eloquente? O autor da tese centraliza as suas preocupações na redução de centimetragem ocupada pelos anúncios, isto é, quer mais papel, para aumento dessa centimetragem, quer os jornais de 150 a 200 páginas que, aliás, continuavam mais ou menos assim. Os prejuízos dos grandes jornais eram muito relativos: há alguma diferença entre perder e deixar de ganhar, e nem era bem esse o caso. Nossa imprensa tem, por outro lado, especial predileção por parcelas não contabilizáveis — salvo exceções, naturalmente. O fato é que nenhum dos proprietários de grande jornal, no nosso País, arruinou-se no ramo, de muitos lustros a esta parte, e continuam os mesmos.

Retomemos a tese: "O que realmente importa fixar aqui é o justo temor de que, enquanto essa reabilitação (da América Latina) não se processe, a imprensa latino-americana não resista ao risco de ser alienada a interesses alheios aos seus nobres objetivos. É esta a ameaça que precisa ser afastada. O que todos tememos é que, desprovida de recursos, empobrecida em meio à luta sem tréguas pela preservação de sua independência, a grande trincheira democrática seja destruída, aqui e ali, pelos que pretendem manipular a opinião pública a seu talante, no mais afrontoso desgarramento dos altos propósitos que até agora têm sido galardão de nossa imprensa, bastião de nossas convicções políticas, sociais e religiosas. Ora, o dia em que ruírem essas fortalezas de nossa democracia, seja pela intervenção estatal ou privada, seja pelos interesses embaçados dos que tramam